

## ENTRE ESCRITAS E CAMINHOS FORMATIVOS: A DOCÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE PARTILHA

Mariângela da Rosa Afonso<sup>1</sup>  
Eduarda Vesfal Dutra<sup>2</sup>  
José Antonio Bicca Ribeiro<sup>3</sup>

Pelotas, 26 de janeiro de 2025.

Aos Professores e Professoras em formação,

Escrevemos esta carta como quem se coloca em travessia – de escritas, memórias e gestos que se entrelaçam no tempo e no corpo. Nossas palavras nascem do chão da Educação Física, mas também do chão da vida, dos espaços onde ensinamos e aprendemos, das quadras, dos corredores e dos encontros cotidianos que nos formam como sujeitos e docentes. Cabe ressaltar ainda que a proposta freiriana tem sido trazida para o debate no âmbito da docência universitária; suas ideias são importantes para a discussão em momentos de crise política, econômica e, principalmente, com a violação de direitos humanos e sociais (Santa'Anna, 2021).

Entre escritas e caminhos, nos reconhecemos em diferentes tempos e lugares da docência – Professora universitária, Professor pós-doutor e doutoranda – e neste diálogo buscamos entrelaçar nossas experiências, revelando o quanto o processo formativo é, antes

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/UFPel). E-mail: mrafonso.ufpel@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel). Doutoranda no PPGEF/UFPel). E-mail: eduarda.dutra1@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel). Bolsista de Pós-doutorado CAPES no PPGEF/UFPel. E-mail: jantonio.bicca@gmail.com

de tudo, coletivo. Como lembra Paulo Freire (1987, p. 68), “[...] ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Assim, cada ato desta carta nasce do encontro entre o eu e o outro, entre o que fomos e o que ainda estamos nos tornando. Trata-se de uma apresentação de histórias entrelaçadas em momentos distintos da carreira docente, em que orientandos(as) e orientadores(as) conversam e dialogam para o crescimento mútuo.

Escolhemos o formato epistolar como uma prática dialógica e sensível, inspirada na pedagogia freiriana e na fenomenologia do corpo. Escrever cartas é interromper o tempo acelerado da academia para escutar. É permitir que a escrita se torne espaço de formação e de autoconhecimento, um espelho onde nos lemos e nos reconhecemos. A carta pedagógica (Freire, 2000), nesse sentido, é gesto de resistência e de cuidado: ela devolve à docência o seu caráter humano, sensível e relacional.

As cartas que compõem este texto organizam-se em três atos, como em um teatro em que cada cena traz à tona uma experiência singular, mas tecida por um mesmo fio – o da formação docente na Educação Física: No primeiro ato, a Professora universitária revisita sua trajetória, resgatando as marcas da docência e da pesquisa e refletindo sobre o papel do professor como sujeito de escuta, diálogo e partilha; No segundo, o Professor pós-doutor escreve sobre suas vivências, revelando as pontes entre o ensinar, o aprender e o pesquisar e as implicações ético-políticas da docência universitária, e; No terceiro, a Professora em formação continuada partilha sua caminhada de aprendiz e mãe, refletindo sobre o corpo, a escrita e o brincar como dimensões formativas e existenciais.

Cada ato é uma carta, um gesto de encontro. Juntas, elas constroem uma tessitura de vozes que ecoam a perspectiva freiriana de uma formação como prática dialógica, fundada na amorosidade, na escuta e na criticidade. Essa escrita de si, entrelaçada com o outro, constitui o que Bondía (2002) denomina de saber da experiência feita: o conhecimento que nasce do vivido, daquilo que nos acontece e nos transforma.

Nesse percurso, aproximamo-nos também das contribuições de Josso (2006), Abrahão (2004) e Nóvoa (2000), que nos ajudam a compreender as narrativas autobiográficas como caminhos metodológicos e formativos. Para Josso (2006), por meio do método das histórias de vida é possível redescobrir a trajetória percorrida e refletir sobre a própria atuação, tanto pessoal quanto profissional.

Abrahão (2004), por sua vez, reforça que a história de vida é uma construção simbólica que nos possibilita resgatar a memória e reelaborar a identidade em um contexto

social específico, ao passo que Nóvoa (2000) amplia essa compreensão ao afirmar que as histórias de vida não se limitam a revisitar o passado, mas iluminam o presente e projetam o futuro, pois, ao narrar, o sujeito reorganiza sentidos e se reconhece em processo de formação contínua.

Dessa forma, as narrativas aqui partilhadas não são meros relatos pessoais, mas atos formativos e políticos, que buscam compreender o que significa ser e tornar-se Professor(a) no contexto da Educação Física. Como propõe Josso (2006), a narrativa emerge do embate entre o passado e o futuro em favor do questionamento do presente – é nesse movimento que a formação se faz viva e o sujeito se reconhece como ser inacabado, sempre em devir.

Ao retomarmos o legado de Freire, Bondía, Josso, Merleau-Ponty e Kunz, reafirmamos nossa crença de que a escrita é também um corpo que se move - corpo que se faz palavra, que se torna gesto, que constrói sentido. Escrever, para nós, é um modo de pensar a docência e, ao mesmo tempo, de existir nela. E é nesse movimento - entre a escrita e o corpo, entre o eu e o outro - que se abre o primeiro ato desta carta.

### **Ato I: As memórias e partilhas de uma Professora Universitária**

Eu, Mariângela, escrevo esta carta como quem compartilha um percurso e, sobretudo, uma crença: a de que a docência universitária é, antes de tudo, um ato político, ético e amoroso. Falar de docência é falar de encontros, de travessias e de inacabamentos que nos constituem como sujeitos e educadores(as). É reconhecer que, ao ensinar, também aprendemos; e que, ao formar, também nos transformamos.

Ao me aproximar dos autores inspirados em Paulo Freire, encontrei novas lentes para compreender minha trajetória acadêmica. Aprendi a ver a universidade como um espaço de formação de sujeitos atravessados por experiências, vivências e afetos – lugar onde ensino, pesquisa e extensão se entrelaçam e se alimentam mutuamente. Como nos lembra Freire (1987), podemos aprender ao ensinar e vice-versa. Essa compreensão nos convoca a assumir a docência como uma prática dialógica e transformadora, profundamente comprometida com a dignidade humana.

Minha identidade docente começou a se desenhar cedo, quando, aos 19 anos, iniciei minha prática como Professora de Educação Física. Aquele tempo foi um laboratório vivo entre teoria e prática, um espaço em que pude perceber que o conhecimento se constrói na relação entre o vivido e o pensado, entre o saber acadêmico e o saber da experiência. Como

nos lembra Abrahão (2004), narrar a própria história é um modo de resgatar a memória e reelaborar a identidade individual em um contexto social específico - e é nesse exercício de rememorar que reencontro os sentidos do meu ser professora.

As décadas que se seguiram na universidade me permitiram transitar por diferentes campos de atuação: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Em cada um deles, encontrei a possibilidade de reafirmar valores freirianos como o diálogo, o respeito e a colaboração. A gestão, em especial, revelou-se um espaço de escuta e de exercício democrático. Aprendi que o poder que não se compartilha é o mesmo que enfraquece as relações humanas e empobrece o ato educativo.

A experiência na pós-graduação (como Professora e orientadora) intensificou meu entendimento de que o ensinar exige pesquisa. Freire (1996) nos recorda que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, pois ambos se encontram na curiosidade que move o(a) educador(a). Cada orientação, cada diálogo com mestrandos(as) e doutorandos(as) foi oportunidade de visitar autores(as) e teorias, de reconstruir sentidos e de aprender com o outro. Nesses momentos, compreendi que a formação de pesquisadores(as) é também a formação de sujeitos autônomos, capazes de pensar criticamente e de reinventar o próprio percurso.

O Programa de Pós-Graduação em Educação Física da ESEF/UFPel, criado em 2007, representou um marco nessa trajetória. Ele potencializou os processos de reflexão coletiva, incentivando práticas pedagógicas que aproximam teoria e prática, docente e discente, universidade e sociedade. Tais espaços reafirmam o que Montiel (2019) e outros(as) autores(as) inspirados em Freire apontam: ensinar exige constante busca, indagação e abertura ao novo.

Ao criar o Grupo de Pesquisa em Educação Física e Educação (GPEFE), em 2008, passo a agregar estudantes com características e vertentes de pensamento distintos, orientados por docentes que trabalham em outras perspectivas. O que passa a nos unir são as trocas, as histórias de cada um deles, a vida pessoal, o senso de humanidade que passamos a desenvolver neste espaço, que se antes era somente acadêmico, passa a ser de prazer, pesquisa, pela docência e pela vida.

Ainda hoje muitos discentes, mesmo tendo carreiras sólidas, vivendo experiências profissionais distintas e não tão próximos a mim, mantêm a partilha de suas inquietações, decisões acadêmicas e profissionais e suas conquistas. Essa cumplicidade gerada possibilita pensar além da vida universitária, do campo científico, fortalecendo a crença de que ser

professor(a) vai além do simples, do “fazer aula”. Na docência temos a possibilidade de nos colocar no lugar do outro, ouvir, refletir e repensar nossas próprias crenças, talvez essa seja a melhor experiência vivida por mim até aqui.

Na convivência com estudantes e colegas, reafirmo diariamente a convicção de que a universidade é um *locus* de acolhimento e trocas. É nela que exercitamos o diálogo que humaniza, o saber que se faz com o outro e não sobre o outro. Como expressam Saul e Saul (2016), inspirados em Freire, a formação permanente é uma reflexão crítica sobre a prática, intencionada a compreender suas múltiplas determinações e relações, tornando-se ponto de partida e de chegada da ação transformadora.

Essa ideia me acompanha como horizonte ético: ser Professora é reconhecer-me inconclusa, aberta ao diálogo e à aprendizagem contínua. É compreender que o compromisso do(a) educador(a) é, simultaneamente, com o conhecimento e com a vida.

Ao concluir este primeiro ato desta carta, recordo as palavras de Nóvoa (2000) quando o autor afirma que é na partilha que encontramos os dispositivos necessários para uma formação continuada e inovadora, ao compartilhar saberes consolidam-se espaços de formação mútua, onde cada Professor(a) é chamado(a) a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador(a) e de formado(a).

É nessa partilha que reconheço o sentido maior da docência universitária – um fazer que une rigor e sensibilidade, razão e afeto, conhecimento e compromisso. Ensinar é um ato de amor, mas também um ato político: um gesto de resistência e esperança que nos move a acreditar que a educação ainda pode, e deve, humanizar o mundo. Nesse sentido, esse texto é revelador da possibilidade de estarmos juntos, em momentos distintos da vida.

## **Ato II: Um Professor no encontro com a docência**

Neste segundo ato, quem assume o protagonismo é alguém que deseja partilhar o percurso, não para traçar um mapa, mas para acender pequenas luzes ao longo da estrada. Falar da docência, através desta carta, é falar de travessias – daquelas que não se medem pelo tempo cronológico, mas pelas experiências que nos moldam, transformam e que nos atravessam, assim como defende Bondía (2002).

Desejo compartilhar minhas experiências com aqueles(as) Professores(as) que, assim como eu, desenharam uma trajetória formativa buscando exercer sua docência em muitos âmbitos, mas principalmente no ensino superior, por considerar que este espaço, há

muito tempo, consegue valorizar a profissão e sobretudo os sujeitos que a desempenham. Escrevo para contar a minha história de encontro com a docência e como ela me transformou, me fez ser quem sou hoje e quem quero ser no futuro, pois há muito tempo sabia que seria Professor. Me apoio nos estudos de Josso (2006), quando a mesma afirma que através das histórias de vida podemos refletir sobre a nossa própria atuação pessoal e profissional, a partir da redescoberta das nossas trajetórias. Quando nos narramos, exercemos a prática de formação e autoformação, permitindo-nos ter consciência dos nossos caminhos traçados e encontrar novos rumos de forma intencional.

Sou José Antonio Bicca Ribeiro, ou simplesmente “Bicca”, Professor de Educação Física, formado entre 2008 e 2011, na Escola Superior de Educação Física (ESEF) dentro da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Posso afirmar que esse período foi um marco na minha construção pessoal e profissional. Compreendi ali que ser professor é mais do que dominar conteúdos: é construir sentidos no encontro com o outro.

Desde as primeiras séries escolares, a escola foi para mim um espaço de encantamento. Tive o privilégio de aprender com Professores(as) inspiradores(as) e o apoio em casa – mesmo que os meus pais tivessem estudado apenas até o antigo primário – foi essencial para que esse sonho ganhasse força. Sobre esse aspecto, Dubar (2005) nos auxilia a compreender o quanto a aproximação com a profissão e as socializações de natureza diversa auxiliam na construção da nossa identidade e, por consequência, influenciam nas nossas escolhas profissionais.

Durante a graduação, mergulhei nas dimensões que sustentam a prática docente. Em projetos de extensão e pesquisa, aprendi que ensinar é também aprender com a diversidade humana. Trabalhei com crianças, idosos, pessoas com deficiência, sujeitos de diferentes realidades sociais, culturais e econômicas. Além disso, as experiências vivenciadas me ensinaram que a educação é uma dança entre gerações e que o gesto pedagógico carrega, em si, a promessa da escuta. Foi necessário durante este momento compreender a profundidade da docência, buscando nas práticas, nas leituras e nas vivências o alicerce que pudesse sustentar o ser Professor – esse ofício que se constrói entre o gesto e a palavra, entre o corpo e o pensamento.

Nos estágios, vivi os primeiros choques e encantos da escola pública. Ali, entre desafios e descobertas, aprendi o valor da partilha e da colaboração. O trabalho com supervisores(as) e colegas mostrou-me que a docência é um exercício coletivo, sustentado por diálogo, sensibilidade e constante aprendizagem. Movido pelo desejo de continuar a

crescer, integrei grupos de pesquisa e mergulhei em investigações sobre diferentes temas ligados à Educação Física. Essas experiências ampliaram o meu olhar sobre a formação docente e aproximaram-me de professores(as) que fizeram diferença na minha caminhada – em especial a Professora Mariângela (a “Maroca”, quem escreve o primeiro ato deste texto), cuja generosidade e compromisso com o outro me inspiraram a seguir para a pós-graduação.

No mestrado em Educação Física (2012 a 2014), dentro da ESEF/UFPel, sob orientação da “Maroca”, aprendi que investigar é também um modo de ensinar. Também pude descobrir a riqueza da docência orientada, ao partilhar o ensino nas disciplinas da graduação em Educação Física, algo que me instigou a ser docente no ensino superior. Entendo nesta lógica que a pós-graduação não precisa ser um momento de cisão entre as atividades de Professor e pesquisador, nem tampouco um momento de pressão ou extrema competitividade/produzitividade, mas sim um momento de partilha, amadurecimento e experiências, que nos auxiliam a ser cada vez mais nós mesmos. Foi um tempo de escuta, de crescimento e de descoberta de que ser docente implica assumir um compromisso ético e político, uma vez que ensinar é participar ativamente da transformação social, e como apresenta Freire (2001), também é estar impregnado de conhecimento, uma vez que quem ensina jamais o faz sem a competência para fazê-lo.

Ao final do mestrado, vivi a minha primeira experiência como Professor no ensino superior, porém em nível de pós-graduação *lato sensu*, trabalhando com disciplinas relacionadas à Saúde, conteúdo este que sempre me constituiu enquanto pesquisador e em que estive imerso durante o mestrado. Foi um momento desafiante e revelador. A responsabilidade de ensinar para diferentes cursos exigia não só domínio do conteúdo, mas sensibilidade para lidar com diversas perspectivas e modos de aprender, ou seja, tanto conhecimento quanto presença e empatia.

Em 2015 decido avançar para um doutoramento em Educação, novamente na UFPel, na linha de Formação de Professores, pois buscava compreender com mais profundidade os processos formativos e, sobretudo, tornar-me um Professor melhor. O doutorado conduziu-me à Pedagogia Universitária, campo em que formação e cultura se entrelaçam. Ali, aprendi que educar é um exercício de abertura – uma janela para o mundo e para o outro. Também percebi que a formação não é linear: é feita de desvios, reencontros e caminhos que se cruzam. E, neste período, atuei com a docência dentro da educação básica, com crianças de diferentes idades no ensino fundamental e passei a me reinventar junto a elas. Além disso, pude experienciar a docência no ensino superior em um curso de Licenciatura em Educação

do Campo, no qual consegui abordar muitos temas relacionados ao ser Professor, no contexto dialético da produção dos saberes.

Em 2017, regressei à ESEF/UFPEL, agora como Professor substituto, e aí consegui me sentir realizado profissionalmente, por estar no lugar em que queria estar, com pessoas que sempre me marcaram e com uma possibilidade imensa de crescimento/amadurecimento profissional. Houve muitos desafios relacionados à docência: lidar com diferentes colegas de trabalho, diferentes percepções sobre a formação, novas gerações de estudantes, carga de trabalho e preparação pedagógica, além das diferentes demandas burocráticas que o trabalho docente impõe.

Por outro lado, esta docência é carregada de afeto e partilha, aprendizado diário e um sentimento de ser importante para o outro, como um ponto de apoio e inspiração. O tripé da universidade (ensino, pesquisa e extensão) amplia o trabalho do Professor, pois possibilita a realização de diferentes atividades e isto faz com que este profissional seja mais completo, apesar de haver mais responsabilidades com estas ações realizadas. Durante este período, tive o privilégio de poder estar na sala de aula, orientar estágios, orientar pesquisas e coordenar projetos de extensão; atividades estas repletas de encontros e aprendizados, que me ajudaram a ser quem eu sou hoje. Sobre o exposto, Freire (2001) nos ajuda a compreender esses aspectos da docência, destacando que o ato de ensinar não pode ser um puro processo, focado na transferência de conhecimento do “ensinante ao aprendiz”, mas sim resultante de um estudo que demanda a necessidade de compreender e fazer uma leitura de mundo e contexto para atuação.

Saber exercer a capacidade de escuta, e além disso, mobilizar saberes para orientar estes estudantes em diferentes situações, também faz parte desta atividade docente. Se durante a pós-graduação houve a virada de chave para me tornar Professor no ensino superior, a experiência docente neste momento mencionado foi a certeza de estar no caminho certo.

Após o término deste período como docente, além da conclusão do doutorado, vieram novas travessias. Atuei em escolas públicas e institutos federais, enfrentando o contexto difícil da pandemia, com estudantes marcados pelo isolamento e pela mudança no modo de aprender, sendo um período de resiliência e reinvenção. Nesse sentido, para mim, a formação docente é contínua, um processo em movimento, ajustando-se às demandas do tempo e das pessoas.

Hoje, escrevo esta carta, endereçada a outros colegas, enquanto um pesquisador de pós-doutorado que está dentro da universidade. Tenho me dedicado a estudar a formação

docente e à reflexão sobre os processos educativos no campo da Educação Física. Partilhado saberes em disciplinas da pós-graduação e orientado novos(as) Professores(as) (em nível de mestrado e doutorado) inquietos(as), preocupados(as) e apaixonados(as), que, como eu, acreditam na educação como uma prática emancipatória.

Nesse sentido, a pós-graduação tem sido para mim a sala de aula improvável, um lugar de trocas e partilhas, de aprendizado, de afetos, de encontros potentes e que me motivam a procurar formas de ser um Professor melhor. Em cada uma dessas experiências, compreendi que o ensino superior é um território de desafios, mas também de possibilidades infinitas. Ele exige de nós sensibilidade, rigor e uma crença profunda no valor da educação mais afetiva e responsável.

Dessa forma, reconheço que a docência é mais que uma profissão, é uma travessia. A cada projeto, a cada pesquisa, a cada turma, fui (re)aprendendo a ser. Encontrei na sala de aula o sentido de permanecer em movimento, tal como o corpo que dança, joga, aprende e ensina.

A vocês, que também sonham em trilhar os caminhos da docência no ensino superior, deixo um convite: cultivem o olhar inquieto, o gesto generoso e a escuta atenta. A universidade precisa de Professores(as) que compreendam que ensinar é criar espaços de diálogo, onde o conhecimento se faz coletivo e o aprender é sempre inacabado. Que seja possível seguir acendendo pequenas luzes, na esperança de iluminar, junto com os(as) outros(as), o caminho que ainda está por vir.

### **Ato III: Uma Doutoranda em travessia – o corpo que aprende e ensina**

Neste terceiro ato, a escrita parte de quem revisita caminhos que se costuram em camadas de tempo, memória e afeto. Sou Eduarda, Professora de Educação Física e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Minha caminhada acadêmica iniciou-se ainda muito jovem aos 17 anos, movida pelo desejo de compreender o corpo – não apenas em seu aspecto biológico, mas como expressão de vida, de cultura e de encontro ao outro. Desde a graduação, venho me reconhecendo nesse lugar de aprendiz e de Professora, entre o corpo que aprende e o corpo que ensina.

Entre a graduação, o mestrado e o doutorado, descubro que minha formação nunca foi um percurso linear – foi, e ainda é, um movimento de encontros. Encontros com pessoas,

com ideias, com modos de ser Professora e de compreender o mundo. Cada etapa foi uma travessia, e em cada travessia, a presença de vocês, de alguma forma, me acompanhou. Então, antes de começar a detalhar minhas vivências e aprendizados, sinto que revisitar essas passagens é também um gesto de gratidão e reconhecimento – por tudo o que me constitui como alguém em formação permanente.

Lembro-me da graduação (2017-2022) como um tempo de descobertas e inquietações. Eu ainda buscava compreender o que significava, de fato, ser Professora de Educação Física – entre o encantamento com o movimento e as dúvidas sobre o meu lugar nesse campo. A cada disciplina, eu me via atravessada por novas perguntas: o que é ensinar com o corpo? O que é aprender com o corpo? Foi então, nas aulas práticas, nas conversas de corredor e, principalmente, nos projetos de extensão, que comecei a encontrar algumas respostas provisórias. Participei de atividades tão distintas quanto aulas de ginástica para crianças, iniciação esportiva e projetos voltados à inclusão de alunos(as) com deficiência. Cada uma dessas experiências deixava marcas no meu modo de olhar o outro – e, sobretudo, de me olhar como Professora em formação.

Essas experiências me despertaram para o poder formativo da escrita. Registrar essas vivências, narrar o que eu via e sentia, tornou-se uma forma de compreender o que acontecia dentro e fora de mim. A escrita abriu as primeiras frestas para que eu enxergasse o corpo não apenas como instrumento, mas como sujeito de experiência, como presença que se revela no mundo. Como nos lembra Merleau-Ponty (1999), o corpo não é objeto ou resultado de um conjunto de conceitos: ele é vivido na intencionalidade e na presença, revelando o sujeito que percebe – e, ao perceber, dá sentido ao mundo. Essa compreensão não nasceu de um livro, mas de cada encontro, de cada toque, de cada gesto compartilhado.

Essas vivências me marcaram porque não me ensinavam apenas conteúdos. Elas me convidaram a pensar com o corpo, a aprender com o outro e a ensinar com afeto. E talvez tenha sido ali, ainda na graduação, que dei os primeiros passos em direção a uma formação que hoje reconheço como dialógica, sensível e em constante travessia.

Ao chegar ao mestrado (2021 - 2023), senti que as perguntas da graduação voltavam, mas de outro modo. Se antes eu me perguntava o que significava ser Professora, agora me perguntava como essa Professora se constitui no encontro com o outro e com o mundo e comigo mesma. As aulas, os estágios de docência e as leituras se tornaram espaços de diálogo entre teoria e experiência – e foi nesse entrelaçar que encontrei sentido na pesquisa.

Meu olhar voltou-se, então, para compreender a formação de Professores(as) de

Educação Física na Educação Infantil, um espaço onde o brincar e o movimento revelam a essência do aprender. A infância me ensinou a desacelerar, a observar os gestos e os silêncios, a reconhecer a potência de cada corpo que se expressa. Ao acompanhar Professoras(es) e crianças, percebi que o conhecimento não se dá apenas pela fala, mas também pelos gestos, pelos olhares e pelas brincadeiras compartilhadas.

Sendo assim, a pesquisa neste ambiente me exigiu escuta – uma escuta do corpo, do outro e de mim mesma. Comecei a entender que escrever sobre a prática não era apenas um exercício acadêmico, mas um gesto de autoformação, uma forma de dar visibilidade ao vivido, de transformar a experiência em reflexão. A escrita se tornou meu modo de pensar o corpo e de ser corpo pensante.

Paulo Freire (1996) me ajudou a compreender que a formação é, antes de tudo, um ato de amor e de coragem – coragem de se reconhecer inacabada, de se abrir ao diálogo e de aprender com o outro. O mestrado, para mim, foi exatamente isso: um tempo de desaprender e reaprender, de deixar o corpo falar e de reconhecer que o conhecimento nasce no encontro.

Nessa etapa, percebi que a formação não se separa da vida. As experiências da sala de aula, as vivências com as crianças e os diálogos com os(as) Professores(as) foram se misturando à minha própria história. Cada texto escrito, cada citação escolhida, cada conversa com a orientadora era também uma conversa comigo mesma, uma tentativa de compreender quem eu estava me tornando como Professora e pesquisadora. O mestrado, então, não apenas aprofundou minha pesquisa; ele me ensinou a olhar com sensibilidade e escrever com escuta. Entendi que a escrita é, também, um corpo em movimento – e que nela, o eu e o outro se encontram, se tocam e se transformam.

Ademais, ao ingressar no doutorado (2024), percebi que o caminho da formação se tornava cada vez mais coletivo. Se na graduação o corpo aprendia e no mestrado ele refletia, agora ele partilha. A formação passou a pulsar em mim como um movimento que envolve ensinar, pesquisar, escrever e também acolher – um corpo que se abre para o outro e, nesse gesto, se transforma.

Vivi até aqui dois estágios de Docência que me ensinaram sobre o valor da liberdade pedagógica. Em ambos, pude articular metodologias próprias, baseadas na escuta e no diálogo, em duas disciplinas que ainda não haviam sido ministradas no novo currículo do curso de Educação Física: Teoria e Prática da Educação Física e Seminário Integrador IV. Cada aula foi um exercício de formação dialógica, no sentido freiriano do termo: ensinar e aprender como ações que se encontram, se afetam e se refazem mutuamente (Freire, 1996).

Portanto, o gesto de educar não se realiza na oferta de saberes prontos; ele ganha sentido quando criamos condições para que os(as) estudantes também nos ensinem – quando reconhecemos que o conhecimento emerge no encontro, na partilha e na amorosidade que sustentam a relação pedagógica (Freire, 2001).

Essas experiências se entrelaçam com o trabalho que desenvolvo no Grupo de Pesquisa em Educação Física e Educação (GPEFE), onde o diálogo e a escrita se tornaram práticas de formação. Ali, a troca de textos, as leituras compartilhadas e as reflexões conjuntas são modos de nos reconhecermos como sujeitos em constante processo de “vir a ser”. Como diz Bondía (2002), a experiência só se torna formativa quando é narrada e partilhada; escrever sobre o vivido é também compreender-se nele.

A minha pesquisa de tese – ainda em processo de qualificação – busca desenvolver e analisar um processo de Formação Continuada voltado à Professores(as) de Educação Física que atuam na Educação Infantil, no município de Pelotas/RS, fundamentado na perspectiva do Brincar e Se-movimentar (Kunz, 2017). Essa proposta nasceu do desejo de construir, junto aos(as) Professores(as), um espaço em que o corpo e o brincar sejam compreendidos como linguagens da infância e onde o diálogo seja o princípio formador.

Ser doutoranda e mãe de uma menina de um ano e seis meses também tem me ensinado sobre o tempo e a sensibilidade da formação. Entre a leitura de um texto e o adormecer da filha, aprendo a respeitar os ritmos do corpo, da vida e da pesquisa. A maternidade me faz compreender, na prática, o que Freire (1996) chamava de inacabamento: estamos sempre sendo, em movimento, em diálogo e amorosidade. Hoje reconheço que o doutorado não é apenas uma etapa acadêmica, mas uma travessia existencial. Cada escrita é um espelho de mim mesma, cada encontro uma aprendizagem, cada pausa um respiro de humanidade. E é nesse entremeio – entre a mãe, a Professora e a pesquisadora – que sigo me formando, entre o corpo que partilha e o corpo que acolhe, com a esperança de que a escrita possa seguir sendo o lugar onde o eu e o outro se encontram e se transformam.

Nessa travessia, há presenças que se fazem raiz e movimento. A Professora Mariângela, mais conhecida como “Maroca”, que me acompanhou ainda na graduação e hoje caminha comigo na orientação do doutorado, tem sido farol e abrigo. Com ela, aprendi que a pesquisa se faz com o corpo inteiro – com escuta, com sensibilidade e com coragem para se deixar afetar pelo que acontece. Nossas conversas, grupos de estudos e escritas partilhadas me ensinaram que formar-se é também um ato de ternura. Já o Professor Nome, ou mais conhecido como “Bicca”, que foi meu Professor na graduação e hoje compartilha comigo o

mesmo espaço de formação e pesquisa, é presença inspiradora pela leveza e pelo compromisso com o ensinar. Com ele, aprendi que a docência é feita de gestos pequenos – de olhares, de presenças, de trocas que não cabem nos currículos, mas que transformam profundamente quem somos. Com ambos, compreendo que a docência se tece em coletividade: somos feitos das palavras, das escutas e dos silêncios que partilhamos.

Desse modo, a eles, e a todos(as) os(as) Professores(as) que, de alguma forma, atravessam a vida dos estudantes, deixo minha gratidão. Porque ensinar é deixar-se atravessar – é permitir que o outro também nos ensine, que suas histórias nos habitem e nos façam repensar os próprios caminhos. E a vocês, Professores e Professoras em formação, escrevo com o coração em travessia: que possamos seguir acreditando em uma docência viva, que acolhe e se permite aprender. Que o corpo, o movimento e a escrita sejam espaços de escuta e de resistência. Que, mesmo nas incertezas, mantenhamos o gesto de esperar, como nos ensinou Freire (1996) – esse movimento de quem não espera o mundo mudar, mas o transforma a cada encontro, a cada palavra, a cada olhar.

### **Entre vozes que se entrelaçam: o aprender e o ensinar como travessia**

Ao chegarmos ao fim desta escrita, percebemos que o caminho percorrido não se encerra aqui. As três cartas que compõem este texto se entrelaçam como fios de uma mesma tessitura – fios que partem de tempos, corpos e experiências distintas, mas que se encontram na docência como território comum. Em cada ato, revisitamos memórias, redescobrimos sentidos e reafirmamos que o ser Professor(a) é um movimento contínuo de aprender e ensinar, de formar-se e formar o outro.

A Professora universitária, com sua longa trajetória de ensino, pesquisa e extensão, nos recorda que a docência é, antes de tudo, uma prática de resistência e de esperança. Seu corpo carrega as marcas da experiência, mas também a leveza de quem permanece aprendiz. O Professor que está na pós-graduação, por sua vez, nos mostra que a formação é feita de múltiplas travessias - entre instituições, saberes e culturas – e que o ensino superior é um espaço que se (re)inventa a partir do encontro com o outro. Já a doutoranda, ao narrar suas experiências, revela a docência como gesto de cuidado e escuta, como corpo que acolhe e se deixa afetar.

Ao retomarmos nossas trajetórias, compreendemos que escrever cartas foi mais do que um exercício narrativo: foi uma prática formativa e política. A escrita epistolar nos

permitiu reencontrar o tempo da escuta e transformar a memória em reflexão. Como propõem os(as) autores(as) utilizados no decorrer deste texto, narrar-se é também formar-se, é revisitar o passado para compreender o presente e projetar o futuro. Admitimos que a história de vida é uma construção simbólica que reelabora identidades e sentidos, sendo que ao se narrar, o sujeito torna-se capaz de repensar seus próprios caminhos e de criar novas possibilidades de ser.

As cartas aqui reunidas também revelam a potência da formação como prática coletiva. Entre orientadora, orientando e doutoranda, estabelecem-se vínculos que extrapolam a formalidade acadêmica: há diálogo, escuta, partilha e afeto. Há, sobretudo, a consciência de que formar é formar-se com o outro – e que é na comunhão das experiências que a docência universitária encontra seu verdadeiro sentido.

A escrita, nesse contexto, torna-se um gesto ético e estético: ético, porque exige responsabilidade com o outro e com o mundo; e estético, porque revela a beleza dos processos humanos que compõem o ato de ensinar. Assim, escrever nossas cartas foi também um modo de (re)encontrar a nós mesmos, de reconhecer no outro o espelho da nossa própria formação.

Fechamos a cortina, portanto, sem concluir esse espetáculo. Porque sabemos que a educação é permanente e que a docência é sempre um “vir-a-ser”. Que esta carta – nascida de três vozes e múltiplas experiências – permaneça aberta, como convite à reflexão e ao diálogo, como travessia que continua em cada corpo, em cada gesto e em cada encontro que ainda está por vir.

Que esta carta inspire vocês, Professores e Professoras em formação, a seguir na travessia. Que as experiências aqui partilhadas despertem perguntas e abram espaços de diálogo. Convidamos vocês a escreverem também as suas cartas: a narrar o vivido, revisitar memórias, escutar o próprio corpo e os corpos que os acompanham na docência. Que possam transformar as experiências que os atravessam em reflexão e ação, reinventando, a cada dia, o sentido do ensinar.

Com afeto e esperança,  
Mariângela, José Antonio e Eduarda

**Palavras-chave:** Docência; Pós-graduação; Formação de professores; Ensino Superior; Narrativas.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. 1ªed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, abr., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução: Andréa S. M. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido: saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. Estudos Avançados**, n. 15, v. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2025.
- JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.
- KUNZ, Elenor. **“Brincar e Se-Movimentar”**: tempos e espaços na vida da criança. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONTIEL, Fabiana Celente. **A Educação Física no Instituto Federal Sul-rio-grandense: desenvolvimento da autonomia do(a) educando(a)**. 2019. 199f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- NÓVOA, Antonio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. (Org.). 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11-30.
- SANT’ANNA, Jorge. A docência universitária e os princípios de Paulo Freire: experiências a partir de um curso de formação docente. **Rev. Docência Ens. Sup.**, Belo Horizonte, v. 11, e034661, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.34661>
- SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico. **Educar em Revista**, n. 61, p. 19-36, 2016.